

ANTÓNIO DE SOUSA PONTES

lic. em Ciências Económicas e Financeiras

da Academia Portuguesa de Ex-Líbris

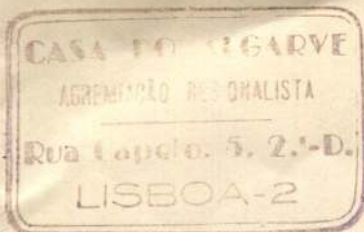
480

Vultos Históricos do Algarve
Uma página de nobreza para Quarteira



LISBOA

1968



ANTÓNIO DE SOUSA PONTES
lic. em Ciências Económicas e Financeiras
da Academia Portuguesa de Ex-Libris

*a Casa do Algarve
com o cumprimento
de António de Sousa Pontes
22/10/68*

Vultos Históricos do Algarve

Uma página de nobreza para Quarteira



LISBOA

1968

«São devidas palavras de agradecimento à Repartição da Cultura Popular, do antigo Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, que nos forneceu as fotografias que ilustram este estudo, assim como à Junta de Turismo da Praia de Armação de Pera que subsidiou a sua edição.»

O AUTOR

Edição da Junta de Turismo da Praia de Armação de Pera

No Dicionário de História de Portugal Ilustrado, em publicação, diz o investigador de temas histórico-religiosos, P.e Sousa Costa, que o Papa Clemente XI, em 7 de Novembro de 1716, dividiu a cidade e diocese de Lisboa em duas partes, reservando a ocidental à colegiada, que elevou à categoria de igreja metropolitana, dando ao seu arcebispo o título de Patriarca de Lisboa Ocidental.

Como motivo da concessão recordou o referido Papa «o envio da armada contra os Turcos, pelo rei de Portugal, D. João V, que havia muitos anos desejava elevar a igreja colegial do seu paço à categoria de catedral, sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção».

No verão de 1716 e na primavera do ano seguinte a esquadra portuguesa, sob o comando do almirante Lopo de Mendonça, embandeirou em guerra contra os Turcos, no mar Mediterrâneo. Só em 19 de Julho de 1717 conseguiu encontrar a esquadra turca, ferindo-se então a célebre batalha naval do Cabo Matapão que cobriu de glória a marinha portuguesa e causou a admiração de toda a Europa.

O Papa Clemente XI escreveu ao rei de Portugal que «a vitória se deveu principalmente ao valor português» — e, daí, a criação do Patriarcado de Lisboa e as honrarias que posteriormente foram concedidas aos bispos que ocuparam tais cargos.

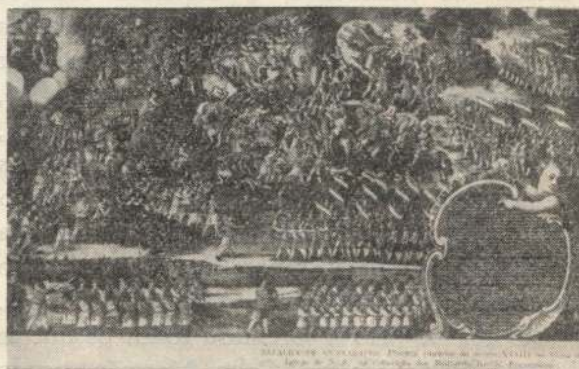
Na verdade, os sete navios de batalha portugueses, um veneziano, dois da Ordem de Malta e quatro barcos auxiliares da esquadra portuguesa, bateram-se, sòzinhos, contra 54 navios otomanos, em condições desfavoráveis, pois os turcos vinham do mar para a terra e cercaram, de madrugada, a baía onde estacionava a esquadra aliada, ao sul da costa grega.

Alguns dos outros 28 navios de Malta, do Papa, de Veneza e da Toscânia já tinham sido maltratados pelos turcos, numa anterior refrega, pelo que todos eles se negaram desta vez a combater, obedecendo às ordens do almirante francês Bellafontaine, designado pelo Papa Clemente XI como comandante-chefe. É então que a nau «Nossa Senhora da Conceição», com 700 homens a bordo, começou a vomitar fogo das suas 80 peças, avançou e desmontou, com uma bordada, a bateria da nau almirante turca que estava armada de 100 peças.

Em nova bordada, de efeito terrível, abate-lhe os mastros, reduzindo-a a um destroço flutuante.

Seguida dos restantes navios portugueses, a luta prolonga-se renhida, até que a esquadra turca, não podendo resistir ao ímpeto dos marinheiros lusitanos, quase rasa de mastros e alguns navios a arder furiosamente, recolhe-se ao porto de Cerigo.

Durante dois meses a esquadra portuguesa



Uma das duas batalhas dos Guararapes, em Pernambuco, em 1648, entre os holandeses e portugueses, comandados pelo general Francisco Barreto de Meneses



General Francisco Barreto de Meneses, morgado de Quarteira

desloca-se por todo o Mediterrâneo, sem encontrar quem se lhe opusesse.

Na verdade, sob as ordens de Lopo Furtado de Mendonça, a esquadra tinha-se preparado para esta eventualidade, porque ainda três anos antes, em Maio de 1714, para dar combate a alguns navios da armada argelina, que pairavam em frente do porto de Lisboa, na abordagem aos navios portugueses das carreiras do Brasil e da Índia, fora preciso artilhar a toda a pressa quatro navios para saírem a barra a dar combate aos piratas, sob o comando do mesmo Lopo Furtado de Mendonça.

O rei D. João V premiou todos os que se tinham distinguido no Cabo Matapão, tendo mandado cunhar uma medalha alusiva que se encontra exposta no Museu da Marinha, em Lisboa.

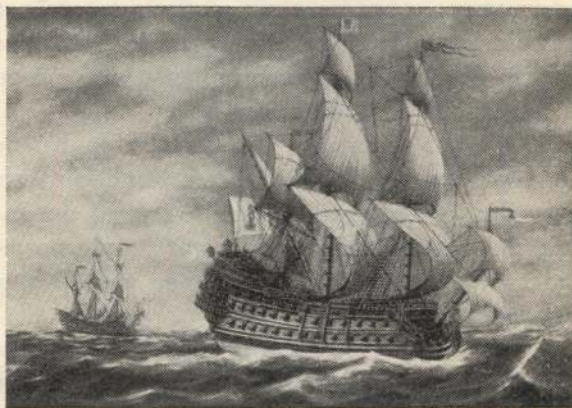
A reconstituição recente da nau «Nossa Senhora da Conceição» foi feita num excelente quadro a óleo que se admira na sala do Gabinete do senhor Ministro da Marinha.

O heróico comandante da nossa esquadra passou à posteridade numa tela de real valor artístico, de Domingos Vieira, exposta no Museu Nacional de Arte Antiga.

O escritor Júlio Dantas descreveu magistralmente os episódios mais salientes desta batalha naval, no Capítulo «O Breve do Papa» do seu livro «A Marcha Triunfal», em que destaca a acção extraordinária do almirante Conde de Rio Grande, não só sob o ponto de vista diplomático, como pelo alto espírito combativo de que era dotado.

Também na sala D. João V, do Museu Militar de Lisboa, podem admirar-se duas belas telas representando, uma, a fase mais decisiva da batalha naval do Cabo de Matapão, e outra, o embarque do Conde de Rio Grande para bordo da sua nau «Nossa Senhora da Conceição».

Lopo Furtado de Mendonça encontra-se ligado a Quarteira por ter sido seu morgado, por alvará de D. Pedro II, de 5 de Janeiro de



Nau-almirante Nossa Senhora da Conceição, da esquadra comandada por Lopo Furtado de Mendonça

(As três fotografias anteriores foram todas cedidas pela Repartição de Cultura Popular, do SNI)



Almirante Lopo Furtado de Mendonça, Conde de Rio Grande e morgado de Quarteira

(Fotografia do quadro de Domingos Vieira, adquirida no Museu Nacional de Arte Antiga)

1701, conforme se pode ler no livro das Doações n.º 62, arquivado na Torre do Tombo.

Neste alvará diz-se que o morgadio fora instituído por seu sogro, o general Francisco Barreto de Meneses, vencedor dos holandeses, em Pernambuco, nas célebres batalhas dos Guararapes, em 1648 e 1649, até à sua expulsão em 1654, e depois governador geral do Brasil, a quem, como recompensa dos relevantes serviços prestados à Pátria durante 23 anos, o rei mandara restituir a Quinta de Quarteira, com o fundamento *de que ela sempre fora braço maior dos pais e avós do referido Francisco Barreto, e como único instrumento os sustentara nas guerras em que mostraram bem o zelo que tinham no*

serviço da Pátria (V. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro).

Dele se ocupou o Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, Doutor Pedro Calmon, ao publicar, em 1940, por intermédio da Agência Geral das Colónias, o estudo «Francisco Barreto, Restaurador de Pernambuco».

Devemos esclarecer que esta Quinta, hoje menor do que no século XVII, tem a área de 1.600 hécatares, todos com possibilidades de regadio, sendo considerada uma das mais valiosas propriedades rústicas do Algarve. Foi vendida há três anos para uma exploração turística e apro-pecuária, por 120.000 contos, conhecida por Vilamoura.

D. Pedro II, para premiar o alto valor militar e administrativo de Francisco Barreto de Meneses, agraciou-o, já depois da sua morte, que tinha ocorrido em Lisboa em 24 de Janeiro de 1688, com o título de Conde de Rio Grande (Brasil), o que teve lugar em 5 de Março de 1689.

Representou tal mercê um alto favôr póstumo, que reverteu a favor de seu genro, como dote de sua única filha legítima, D. Antónia Maria de Sá Barreto.

Francisco Barreto de Meneses ao instituir o morgadio de Quarteira, fizera-o com obrigação de duas missas, com dois capelães — diz o mencionado alvará de 1701. A primeira missa foi criada em 1693 ou 1694, com a Capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Vale Judeu, e somente depois disso, a partir de 1791, é que aparece, na relação das Igrejas e Capelas do Algarve, a Capela de Quarteira, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição.

Segundo o testamento do General Francisco Barreto, feito na Baía em 1663, quando era Governador Geral do Brasil, o seu corpo devia ser enterrado na Igreja de Convento de S. Francisco dos Capuchos de Loulé, hoje designada por Igreja de Santo António, por já ser a sepultura dos seus antepassados que foram os padroeiros do referido Convento.

Esta Igreja está hoje profanada, servindo para arrecadação da Santa Casa da Misericórdia, de

nos que lutam em África se fazem acompanhar da sua Imagem padroeira.

Atendendo a que o almirante Conde de Rio Grande era morgado de Quarteira e comendador da Colegiada de S. Clemente de Loulé, na Ordem de Cristo, tudo leva a crer que a referida Imagem tivesse estado na Quinta de Quarteira até à construção da Capela de Quarteira, a qual, como atrás se disse, só aparece nas

relações feitas periódicamente pelos Bispos do Algarve, a partir de 1791 (D. Francisco Gomes de Avelar).

E nesta ordem de ideias seria de desejar que a Imagem antiga de N.^a Senhora da Conceição seja exposta na própria Igreja em sítio onde fosse Venerada, não só pelos católicos, mas até pelos descrentes, pois, além do seu significado religioso, tem um alto valor histórico.



Imagem antiga de Nossa Senhora da Conceição, venerada na Igreja Paroquial de Quarteira, de que é Padroeira

Lisboa, 31 de Dezembro de 1968

Separata do n.º 39 do «Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris»

Composto e impresso na Tip. Editorial Franciscana - Braga